



**CORTESIA LINGUÍSTICA: ASPECTOS
SOCIOINTERACIONAIS DO DISCURSO INFANTIL**

Giovanna Wrubel Brants
gwbrants@msn.com

Renira Appa Cirelli
reniracirelli@uol.com.br

RESUMO: Abordaremos neste trabalho a questão da cortesia linguística, inspirando-nos nos estudos de Brown e Levinson (1987), que retomam e ampliam a conceituação de *face* proposta por Goffman (1970). Para o sociólogo americano, a *face* pode ser entendida como o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si. Temos como objetivo examinar amostras de interações conversacionais — gravadas em áudio e posteriormente transcritas de acordo com as normas para transcrição do Projeto NURC/SP, presentes em Preti (1993) — entre pares de crianças de dez anos de idade, com o olhar voltado para a presença de estratégias de cortesia linguística. Desta maneira, foi realizada uma análise de cunho qualitativo das estratégias observadas nas interações entre as crianças, no contexto de uma brincadeira (jogo de construção), e na presença das pesquisadoras. Foi observado, no *corpus* analisado, que as crianças de dez anos demonstram plena capacidade para articular em seu discurso as estratégias de cortesia, bem como de participar ativamente do movimento de ameaça e preservação das *faces* em suas interações conversacionais.

PALAVRAS CHAVE: Cortesia Linguística; Polidez Linguística; Discurso Infantil; Sociolinguística Interacional.

Considerações iniciais

No processo de aquisição da fala pelas crianças, é inegável a influência da interação verbal e das funções de preservação e ameaça às faces. Assim, parece interessante descortinar e pesquisar este tipo de interação dentro das áreas da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional. Este trabalho terá como foco o estudo das estratégias de cortesia na comunicação infantil, assim como do movimento de ameaça e preservação das faces, possivelmente presentes neste tipo peculiar de interação.

As teorias da cortesia linguística e da preservação das faces são importantíssimas para a compreensão dos processos de interação conversacional em qualquer relacionamento humano. Desta forma, supomos que, no contexto da interação infantil, a observação da emergência das estratégias comunicativas de cortesia, bem como dos atos linguísticos de ameaça e preservação das faces, torna-se fundamental para o exame do processo de aquisição de competências pragmáticas/sociointeracionais neste tipo de interação conversacional.

Pressupostos teóricos

Na Análise da Conversação, a função da cortesia linguística é sempre minimizar algo desagradável, que ocorre ou pode ocorrer, e o fim é atingir determinado objetivo, usando-se certos recursos que mostram respeito pelo outro. A cortesia revela indiretamente o que se quer dizer e recompensa o risco da ameaça. Poderíamos dizer que a cortesia: a) minimiza a natureza ameaçadora às faces; b) usa adequadamente padrões estabelecidos de etiqueta social; c) evita conflitos; d) suaviza a interação social; e) mantém o equilíbrio da interação social e; f) assegura relativa harmonia na interação social.

Em Brown e Levinson (1987), encontramos o “tratamento clássico sobre cortesia na comunicação” (cf. prefácio de Gumperz à mesma edição). A parte principal do trabalho destes pesquisadores foi exatamente demonstrar em detalhe a cortesia nos dois tipos de faces: positiva e negativa.

Todos têm a necessidade de preservar a autoimagem pública (face), a qual abrange eventos e comportamentos verbais, paralinguísticos e ideológicos.

Para Goffman (1970), a cortesia entra como um recurso para deixar claro um “pacto latente” entre os interlocutores: não ameço sua face enquanto não sentir a minha ameaçada. A face é a expressão do self, do eu individual. Mais tarde, em 1987, Brown e Levinson distinguiram entre face positiva e face negativa, conforme veremos mais adiante. A necessidade de preservação da face é contínua na interação.

Quando um falante interrompe o outro, ameaça sua face negativa. O inverso também se dá quando o interlocutor demonstra que a interrupção não foi apropriada. Em casos de discussão, onde há discordância sobre algum assunto, a autoridade de um deles pode usar de cortesia negativa ao invés de ser direto e ofensivo. Aquele que tem poder ou ascendência sobre o outro pode usar de ironia, agressão ou desprezo, colocando de lado qualquer preservação ou atenuação.

Um interactante também pode sancionar a face positiva do outro, elogiando-o e incentivando-o a falar. Em geral, nenhum dos interlocutores quer perder a face; há uma “luta emocional”.

Embora Brown e Levinson (1978, 1987) nunca tenham se referido à cortesia entre crianças, pode-se supor que até mesmo as menores diferenças podem levar a más interpretações e estereótipos nesse tipo de interação. O estudo das estratégias de cortesia infantil abrange fatores importantes, como a questão da aquisição de certas competências pragmáticas, bem como questões relacionadas às relações de poder, as quais podem modificar ou influenciar as situações de negociação. São situações que podem gerar concordância ou polêmica, aceitação ou agressividade, uma vez que qualquer ato de fala que desqualifique ou ameace as faces de um deles pode contribuir para surgir conflito.

Os fatores que condicionam o fracasso ou sucesso da interação podem perfeitamente passar pelas estratégias de cortesia, porque cada vez mais se estudam as dinâmicas internas sociais. A habilidade das crianças em dirigir o discurso determina a continuação da interação, mas não é, de forma alguma, unilateral. Constroem o discurso em conjunto, imprimindo ritmo e tentando fazer da conversação uma interação participativa.

Sobre a cortesia linguística

Pode-se definir a cortesia como adequação social a um contexto determinado, sem ignorar que o contexto contempla as relações existentes entre os interlocutores, ou seja, a cortesia linguística seria um princípio regulador destas relações sociais de negociação em um contexto determinado.

Haverkate (1994) pondera que a cortesia representa um tipo de comportamento regido por princípios de racionalidade e os participantes da conversação atuam sempre guiados por esses princípios, justamente para evitar que a conversação se deteriore.

A teoria que nos pareceu mais produtiva, em um material de pesquisa como este, foi a teoria da cortesia proposta por Brown e Levinson (1978, 1987), entendida como os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal. Segundo os autores, todos nós possuímos duas faces: a negativa, que corresponde “aos territórios do eu”, compreendendo a dimensão corporal, espacial, temporal e também os bens materiais ou os saberes secretos de cada um; a positiva, que corresponde, em linhas gerais, ao narcisismo e às imagens valorizadas que os indivíduos constroem no curso da interação.

Para evitar que as ações não impliquem perda da face, os interlocutores têm à sua disposição um inventário relativamente grande de expressões de cortesia: de um lado, uma estratégia utilizadora de palavras que evitam confronto, que se caracteriza pelo uso de atenuadores. De acordo com Rosa (1992), a finalidade dos marcadores de atenuação é amenizar um ato potencialmente ameaçador (tais atenuadores pertencem a duas categorias: aqueles que acompanham um ato potencialmente ameaçador e aqueles que substituem um ato potencialmente ameaçador); de outro lado, uma estratégia de valorização que se caracteriza pela produção de atos valorizados, cuja função é contrabalançar os atos ameaçadores.

Lakoff (1998) aponta que, em caso de conflito entre as faces, a cortesia é mais importante do que informar, porque a integração do indivíduo ao grupo depende dela, por isso alguém que despreze a face dos demais não pode esperar ser integrado ao grupo. O indivíduo precisa das estratégias linguísticas e do domínio da utilização dos trabalhos da face para viver em sociedade. Esses processos foram ampliados e pesquisados, mais tarde, em 1978 e 1987, por Penélope Brown e Stephen Levinson.

Metodologia

Com o intuito de verificarmos, nas interações conversacionais infantis, a presença de estratégias linguísticas vinculadas à cortesia verbal, gravamos em áudio as interações conversacionais entre um par de crianças de dez anos de idade (um menino e uma menina), no decorrer de um evento lúdico (jogos de construção “Lego” e “Megamag”), com a participação da pesquisadora. As crianças/sujeitos da pesquisa eram estudantes do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de São Paulo, vinculada a uma Universidade Estadual.

As gravações foram transcritas minuciosamente segundo as normas do Projeto NURC/SP – Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo, constantes em Preti (1993, p.11). Posteriormente, as amostras de interação conversacional entre as crianças e a pesquisadora, provenientes da transcrição mencionada, foram analisadas qualitativamente.

Análise qualitativa das amostras de interação conversacional selecionadas

A gravação com as crianças de 10 anos, (Ga) – a menina, e (H) – o menino, foi iniciada com a indagação da pesquisadora (P) a respeito de qual construção seria realizada, como vemos a seguir, no Exemplo 1:

Exemplo 1

P- o que vocês têm em mente... pra construir juntos?...um ajuda o outro...tá?

H- um castelo...uma casa...uma torre::

Ga- UMA TORre...tipo Torre Eiffel

P- um castelo com uma torre...o que vocês acham?

Ga- ÉH::

H- dá pra ter uma ideia por aqui ((aponta um pôster da Torre Eiffel no mural da sala de aula))

P- é mesmo...vocês têm francês aqui na Escola de Aplicação?

Ga- não...só na quinta

H- é... na quinta série

Observamos que (H) imagina as possibilidades de construções com as peças dos jogos de que eles dispunham (*Lego* e peças de construção compostas por barras e imãs). Poderia ser “*um castelo...uma casa...uma torre::*”. (Ga) concorda efusivamente com a sugestão da torre, efetivando uma entonação enfática que demonstra sua animação com a ideia: “*UMA TORre...*”, e complementa: “*tipo Torre Eiffel*”. Nesse momento, (Ga) sanciona a face positiva do colega. Em seguida, nota-se que (H) coopera com a colega, preservando a sua face positiva (e, dessa forma, adotando uma estratégia de cortesia positiva), ao falar que eles poderiam se inspirar no pôster da Torre Eiffel que havia na sala em que ocorria a brincadeira. (P), assim, faz uma digressão, com a intenção de confirmar se as crianças cursavam aulas de francês na escola.

No exemplo 2, abaixo, (P) lembra que as crianças precisariam entrar num acordo sobre o que iriam construir, mas faz uma ressalva, em tom de brincadeira: “*ou não...*”. (H) entra no “jogo” conversacional e no clima de humor que estava permeando a interação:

Exemplo 2

P- vocês têm que entrar num aCORdo... ou não...né? ((tom de brincadeira))

H- é:: vamos partir pra BRIga ((brinca, fazendo gestos de quem vai brigar))

P, H e Ga – ((risos))

H- tá...então uma torre mesmo?

Ga- uma torre bem simples

H- éh::

P- é? os dois estão de acordo?

Fica clara, no exemplo 2, a incorporação da subjetividade e da afetividade no discurso, através do enunciado em tom de brincadeira de (H): “*é:: vamos partir pra BRIga*” e também dos

marcadores conversacionais paralinguísticos (gestos que insinuavam uma luta corporal). Verificamos que o contexto da brincadeira permitiu a interrupção do desenvolvimento das regras do jogo para que houvesse a introdução do enunciado humorístico de (H). Posteriormente às risadas dos três interactantes, (H) *retoma* a negociação sobre a definição do objeto da construção, buscando a confirmação da colega: “*tá...então uma torre mesmo?*”. Aqui, (H) demonstra valorizar a opinião de (Ga), ao mesmo tempo em que evita uma imposição do que seria construído (utilizando-se, portanto, de uma estratégia de polidez negativa). (Ga) entra em acordo com (H), ratificando: “*uma torre bem simples*”.

Os exemplos 3 e 4, a seguir, são emblemáticos, no sentido da emergência do *Princípio de Cooperação* (GRICE, 1999), durante o desenvolvimento da brincadeira pelas crianças de 10 anos:

Exemplo 3

H- ah olha só que eu tive uma ideia... a prinCESa... e o príncipe ((mostra que uma barra com uma bolinha de imã grudada em cima poderia representar uma princesa ou um príncipe))

Ga- aqui eu to montando um castelo... um castelo pequeno

P- é mesmo... e aí vocês fazem a torrezinha juntos aqui?

H- aqui olha

Ga- éh:: BOA::

P- muito bom... vocês são muito criativos

Exemplo 4

H- olha só... tive a ideia de fazer o bobo da co::rte

P- uhn:: legal... esse com os bracinhos assim pode ser o bobo da corte

Ga- eu vou por a bolinha ()

H- não Gabi... sabe como você faz?... você tira esse porque o metal tanto faz o lado... aí você pega este... Vira... e coloca

Ga- ah:: calma...o castelo tá torto

P- e como é que faz pra desentortar?

Ga- O CASTELO ((exclama ao ver o castelo caindo))

P- é como a Torre de Pisa... na Itália

Ga- éh:: a Torre de Pisa

P- o castelo torto ((risos))

H- o castelo de Pisa ((risos))

Verificamos no Exemplo 3 que (Ga) encontra uma solução para representar a princesa e o príncipe no castelo que estava sendo construído através de uma barra, com uma bolinha magnética em cima. As duas crianças permanecem em acordo na interação conversacional, cooperando uma com a outra. Mesmo quando (H) efetua uma ameaça à face negativa da colega, ao impor o lugar onde deveria ser colocada a peça (“*aqui olha*”), (Ga) demonstra não se importar, e concorda com (H), efusivamente: “*éh:: BOA::*”. Uma hipótese para a cooperação de (Ga), mesmo com sua face sendo ameaçada negativamente, é a de que o FTA foi proferido por (H) de maneira atenuada, sem entonações enfáticas, por exemplo, o que suavizou a sua imposição.

No Exemplo 4, (H) expõe a ideia de construir o bobo da corte, complementando os personagens fictícios do castelo. (Ga) intenta “montar” o bobo da corte, mas (H) não concorda com o jeito que a colega estava fazendo e sugere: “*não Gabi... sabe como você faz?... você tira esse porque o metal tanto faz o lado... aí você pega este...Vira... e coloca*”. Trata-se aqui, de uma ameaça à face negativa de (Ga). (H), no entanto, mais uma vez realiza o ato ameaçador da face de forma polida, o que pode ser constatado, principalmente, pela pergunta retórica: “*sabe como você faz?...*”, em que o menino responde à própria pergunta de modo a explicar à sua colega o modo mais fácil de se construir. (Ga) não se opõe à sugestão de (H), mantendo a cooperação na interação, mas observa que o castelo estava ficando torto. Nesse momento, também realiza uma ameaça à face negativa do colega, pedindo para que ele tivesse calma ao colocar as peças. O castelo, posteriormente, começa a cair, o que faz com que (Ga) exclame, com entonações enfáticas de seu enunciado: “O CASTELO”. Inicia-se nesse momento mais uma série de enunciados humorísticos em que os três interactantes comparam o castelo que estava sendo construído com a torre de Pisa.

Considerações finais

É possível verificar, nos fragmentos analisados, que as crianças de dez anos cooperam uma com a outra no desenvolvimento das regras e propósitos da brincadeira, o que se reflete na situação de acordo na interação conversacional e, de forma mais ampla, na negociação interpessoal.

Tal cooperação é construída, ao longo do evento lúdico, com o auxílio das estratégias de cortesia, assim como do movimento de ameaça e preservação das faces. É possível concluirmos, desta forma, que a intenção de uma criança cooperar com a outra, desde o início da interação, possibilitou a emergência das estratégias vinculadas à cortesia linguística, o que resultou na ausência de conflitos/desacordos na interação analisada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, P. & LEVINSON, S.C. (1978). **Universals in language use: politeness phenomena**. In: GOODY, E. (Org.). *Questions and Politeness: strategies in social interaction*. Cambridge: C.U.P. (Cambridge University Press), p. 56-289.
- _____ (1987). **Politeness: some universals of language use**. Cambridge: C.U.P. (Cambridge University Press).
- GOFFMAN, E. (1970). **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo.
- GRICE, H.P. (1999). **Logic and Conversation**. In: P.COLE & J.MORGAN, J. *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, v.3. Speech acts.
- _____ (1998). **Presuposición e implicatura conversacional**. In: *Textos clásicos de pragmática*. Madrid: Arco/Libros, S.L. p. 105-124
- HAVERKATE, H. (1994). **La cortesía verbal**. Madrid: Gredos.
- LAKOFF, R. (1998). **La lógica de la cortesía, o acuérdate de dar las gracias**. In: JULIO, M.T.; MUÑOZ, R. *Textos clásicos de pragmática*. Madrid: Arco/Libros, p. 259-278.
- _____ (1973). **The logic of politeness; or, minding your P's and Q's**. Chicago: Chicago Linguistics Society.
- LEECH, G.N. (1997). **El papel interpersonal del principio de cooperación**. In: *Principios de pragmática*. Logroño: Universidad de La Rioja, p.139-206.
- PRETI, D. (1993). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP.
- SCHEGLOFF, E. E. (1972). **Sequencing in conversational openings**. In: Gumperz, J.J. & Hymes, D. *Directions in Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart & Winston